

# Diversão & Arte



Foto: O Questeiras

## Uma corrente de boas energias

Beth Goulart, no papel de Maria Júlia, é o destaque no elenco do longa



Fotos: Ique Esteves/Divulgação

MAIS UM TÍTULO DO SEGMENTO ESPÍRITA CHEGA ÀS TELAS: É O ADVOGADO DE DEUS, QUE ENGROSSA A FILA DE FILMES NACIONAIS DE SUCESSO, COM MUITOS LONGAS INCLUSIVE DESTACADOS PARA FUTURA MOSTRA NO CINE BRASÍLIA

e sem liberdades. O espiritismo é um manancial de conhecimentos que alimenta — e ainda alimentará — incontáveis histórias porque ele nasce das relações humanas e das realidades que nos cercam. Traz um paradigma de vida que é muito potente e reverbera muito sempre.

**Sente mudança no teu senso de espiritualidade, desde as incursões na temática?**

Sinto que seremos “metamorfoses ambulantes” quando nos propomos a investigar as fronteiras que são as mais importantes para nós, como seres humanos, e elas são o conhecimento espiritual que nos cerca, que é sempre perseguido ao longo da história.

**O que mudou na sua vida?**

Desenvolver uma fé raciocinada, por exemplo, é um exercício diário de transformação — e os filmes propõem reflexões, emoções, conexões que são muito relevantes, ao menos para mim. Ou seja, tudo muda o tempo todo comigo quando estamos falando de realidades eternas. E isso é o mais maravilhoso de abordar essa temática num meio de comunicação e arte tão poderoso como o cinema.

**O que atores, individualmente, agregaram à trama?**

Não há algo mensurável nisso. Mas há detalhes da atuação que é construída junta, por exemplo, em que você pode ver que aquele momento, ou aquela sensação, reflete mais nesse ou naquele personagem interpretado. Ter a Beth Goulart, por exemplo, que tem em seu DNA familiar uma ligação direta com o tema espiritualidade, espiritismo, é um luxo, mas ela empresta pro personagem algo que está muito além disso. Assim como ter a Lorena Comparato, que tem no DNA a dramaturgia, ou o Nicolas Prattes, que atua desde criança. O Lucas Leto, que tem ligações diretas com o candomblé, por exemplo.

» RICARDO DAEHN

Exemplares da corrente de cinema espírita prestigiada pelo público não faltam ao Brasil, levando-se em conta filmes como *Chico Xavier*, *Bezerra de Menezes*, *E a vida continua...* e *Divaldo — o mensageiro da paz*. Num país com quase 2% população seguidores da doutrina espírita, e mais de 30 milhões de simpatizantes, em população que segue majoritária, em termos de vocações cristãs e evangélicas, um dos grandes fenômenos de público na telona atende pelo nome de Wagner de Assis, cineasta de 53 anos, responsável por títulos como o documentário *Chico para sempre* e os marcos *Nosso lar* (2010) e *Nosso lar 2* (2024). *A Kardec e Ninguém é de ninguém*, agora, o diretor Assis ainda soma mais um título, a partir de hoje, nas salas: *O advogado de Deus* (a partir de escritos de Zíbia Gasparetto e da entidade Lucius).

Um dos roteiristas da novela *Além do tempo* (2015), Assis só com a saga *Nosso lar* atingiu público superior a 5,5 milhões. Associado a astros como Edson Celulari, Carlos Vereza, Nelson Xavier e Lima Duarte, o cinema conectado ao mundo dos espíritos agora, com *O advogado de*

*Deus*, ganha o reforço de artistas como Nicolas Prattes, Beth Goulart (que esteve, nos anos de 1970, no clássico *Joelma, 23º andar*), Lorena Comparato, Lucas Leto e Eucir de Souza, Henri Pagnoncelli e Gisele Fróes.

Para além dos efeitos visuais a cargo de Zeca Esperança, o longa tem relevância específica para a direção de elenco (função valorizada no Oscar, com nova categoria no Oscar, e na qual o brasileiro *O agente secreto* competiu), desta vez, a cargo de Enrico Callado e Viviane Ávila.

Mas, afinal, ter atores experimentados, e experientes com a doutrina, abria caminhos de conhecimento (para o longa)? “O ofício de atuar é tão mágico que permite que a inexperiência sirva à história, por vezes. Noutras, o conhecimento prévio de temas ligados à história pode ajudar. Mas, em geral, a escolha de elenco é das coisas mais difíceis de se fazer um filme — ao menos para mim. Como premissa, jamais convidei alguém para contar uma história comigo em função de uma posição pessoal ligada à espiritualidade e à religião. Isso seria um contrassenso total. A proposta é sobre talento, imagem e

compromisso”, conta Wagner de Assis, em exclusiva ao **Correio**.

Na trama de *O advogado de Deus* — composto por dilemas sociais e injustiças do passado — um profissional traz veia altamente idealista. Um dos futuros processos em que se envolverá traz como protagonista Alberto, posicionado como vítima. Sede de vingança se mistura à caça da verdade, na trama em que os envolvidos ainda se vinculam à personagem Lídia e à aparentemente aristocrática Maria Júlia.

**Entrevista // Wagner de Assis, cineasta**

**Você recebe que tipo de retorno com seus filmes? O feedback é amplo ou mais condicionado a um filão de entusiastas do espiritismo?**

Ah, isso é quase um livro sem fim. É também de um prazer imensurável. Lá se vão 30 anos — ano que vem — da produtora. Mais de uma dezena de filmes. Isso é semanal, diário, de algum lugar do mundo. O que me prova que não há o menor sentido em circunscrever o tema a um filão religioso. Espiritualidade interessa a todas as pessoas. Em todos os países do mundo, posso afirmar. Mesmo os mais fechados

## Conexão Cine Brasília-Cinemateca

Cinemateca Brasileira/ Divulgação



*A hora e a vez de Augusto Matraga*, um clássico premiado em Brasília

Seis dias e 23 filmes projetados, em mais de 30 sessões — todas com entrada franca, no coração pulsante do cinema na capital: o Cine Brasília (EQS 106/107) será a vitrine da terceira edição da mostra A Cinemateca é Brasileira — da Comédia ao Drama. A itinerância da Cinemateca pelo país é propiciada pelo projeto Viva Cinemateca, detido na recuperação de acervos, e no reaparelhamento (mais moderno) da instituição.

Grande sala de projeção do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o Cine Brasília exibirá vencedores de múltiplos prêmios como *A hora e vez de Augusto Matraga* (1965), de Roberto Santos (isso ainda na chamada 1ª Semana do Cinema Brasileiro) e títulos como *Branco sai, preto fica*, do ceilandense Adirley Queirós que venceu troféu Candango, em 2014, de melhor

filme, ator (Marquim do Tropa) e direção de arte (Denise Vieira).

Junto com filmes de Jorge Furtado, Roberto Farias, Fernando Coimbra e Juliana Rojas, será a oportunidade de rever longas como *Los silencios* (2018), que reordena o cotidiano de uma família abalada pela violência. À época do lançamento, a cineasta contou ao **Correio**: “Sou feminista e acredito que meu filme, que brotou de mim, também o seja. Além de ele ter sido escrito, dirigido e produzido por mim, quase todas as cabeças de equipe eram mulheres”.

Criada em Taguatinga, e premiada em 2015 (aos então 26 anos, no Festival de Sundance), Camila Márdila, uma “privilegiada brasileira”, está em *Que horas ela volta?* (incluído na programação). Quando da premiação no exterior, ela confidenciou:

“Não posso dizer que frequentei, desde pequena, o Cine Brasília, mas, para você ter uma ideia, no de 2014, fui para Brasília só para acompanhar o festival inteiro. É o mais legal no qual já fui”.

A mostra da Cinemateca ainda traz frente de longas destacados no cenário internacional, como a animação *O menino e o mundo* (de Alê Abreu), indicada para o Oscar, em 2016. O então quarentão Abreu, demarcou a importância do “caminho natural”, depois das lições de animação, no Museu da Imagem e do Som, iniciadas aos 12 anos.

Um tom de elegia também indireto se acopla à mostra, como indicam as projeções de *Última parada 174*, de Bruno Barreto, e ainda *Últimas conversas*, de Eduardo Coutinho (finalizado por João Moreira Salles, diante da morte de Coutinho em 2014). O filme de Barreto examina

a morte, aos 22 anos, em 2000, de Sandro do Nascimento, sobrevivente da Chacina da Candelária e que sequestrou um ônibus, em evento de proporções midiáticas. Na versão ficcional de Bruno Barreto há recusa de sentimentalismo ao narrar da vida pregressa do menino em situação de rua que virou trágica celebridade.

Atestando a rotina como algo insuportável, Eduardo Coutinho (protagonista em *Últimas conversas*) prezava, na realização de seus documentários, personagens singulares. Diplomático e experiente, ele, em si, era um deles. No filme que trata de sua ligação com a sétima arte (“um meio de estar vivo”, como havia confessado). A vivência e revelações de sua vida estampam a tela do homem cioso da intimidade doméstica e que abruptamente saiu de cena, em episódio violento. (RD)